

Carlos Martins Portas: as muitas “viagens” de um agrónomo

Percurso do professor de Horticultura atravessa a nossa história contemporânea p14/15



Coordenação da Região Sul, continuando a ser empresário agrícola – nas propriedades da família. De resto, confessa, é um “devorador de jornais... de emails” – e no tempo que sobra está com os netos e lê poesia.

As cores do Alentejo

Em 1966, a revista *Análise Social*, de Adérito Sedas Nunes, publicou um ensaio do jovem agrónomo Carlos Martins Portas: “O Alentejo: situação e perspectivas sócio-económicas.” Ele temia a desertificação do Alentejo. “O problema é o êxodo, não são as crises de trabalho. (...) Uma coisa é a transferência da população activa da agricultura para outros sectores; outra é o despovoamento do território.”

Para ele, o regadio era a chave da recuperação do Alentejo. Dava o exemplo da Califórnia: graças à rega e à inovação, com uma população agrícola apenas três vezes superior à alentejana mas onde 80% da área cultivada era regada, a Califórnia era a primeira potência mundial na produção e na industrialização de frutas e legumes.

O Estado português esteve disposto a investir cinco milhões de contos num plano de rega do Alentejo. Mas foi pressionado negativamente pelos que deveriam ser os próprios interessados. “No Alentejo, perderam-se décadas”, diz hoje.

E explica: os grandes lavradores temiam que o regadio levasse à divisão da terra. Olhavam a vizinha Extremadura espanhola, onde as obras de irrigação tinham começado em 1953. O Governo de Franco dividiu as terras, excepto as que já eram regadas. Foram divididos 200 mil hectares.

Após o 25 de Abril, os municípios, o turismo, a explosão dos olivais e da vinha, a emergência de novos agricultores e a mudança de mentalidade dos próprios herdeiros dos antigos lavradores estão a transformar o Alentejo. O Alqueva – a que Carlos Portas permanece ligado – é uma aposta que pode vir a ser determinante na mudança. Há culturas de regadio, como as hortaliças ou o morango, que conhecem um *boom* exportador. Mas o panorama é desigual. Por outro lado, as cidades alentejanas permanecem frágeis. Continua faltar-lhes massa crítica.

Mas quando hoje o atravessamos e o comparamos com décadas atrás, há uma pequena surpresa: mudaram as cores do Alentejo. Muitas são saídas da paleta da horticultura, das hortaliças aos olivais.

Carlos Martins Portas

As muitas “viagens” de um agrónomo que tem o vício de inovar, devora jornais e lê poesia

Professor e investigador de Horticultura e, acima de tudo, cidadão, a sua personalidade e a sua obra só são inteligíveis através da evocação do seu percurso, que é também uma travessia da nossa história contemporânea.

Por Jorge Almeida Fernandes

Perfil

Carlos Martins Portas é hoje homenageado pela Universidade de Lisboa e pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA), sob a forma de um seminário intitulado “O homem, a universidade e a sociedade” – às 14h30, no salão nobre do instituto. Professor emérito da Universidade Técnica, fundador e primeiro presidente da Associação Portuguesa de Horticultura, deão da International Society for Horticultural Science (ISHS), ensinou no ISA, nas universidades de Luanda e de Évora, e também no Canadá, nos Estados Unidos, Brasil e Grécia. Se a investigação e o ensino – e a obsessão de inovar – estão no centro do seu

curriculum, o percurso de Carlos Portas passa por muitas outras estações: a militância estudantil, o catolicismo, o Alentejo, a produção agrícola, o serviço público e a política. Em 1976 e nos anos seguintes, os muros do país, sobretudo no Alentejo, estavam marcados por um slogan: “A luta continua, Barreto e Portas para a rua.” Ainda há vestígios que resistiram ao desgaste do tempo. Nenhuma das dimensões do homem Carlos Portas se compreende sem todas as outras e, sobretudo, sem olhar as suas muitas “viagens” – uma travessia da nossa história contemporânea.

Os “católicos progressistas”
Carlos Alberto Martins Portas nasceu em Vila Viçosa em 1936. O pai, Leopoldo Barreiro Portas, de origem galega, engenheiro de minas e professor no Instituto Superior Técnico, longos anos presidente da Câmara de Vila Viçosa, foi o impulsionador técnico da exploração do mármore – o

“ouro branco” – na região. A mãe, Umbelina Martins, vem de uma família de grandes proprietários. Carlos é o segundo de quatro irmãos: com Nuno, José Manuel e Maria Manuela. Nuno Portas é um dos participantes na homenagem.

Fez o ensino secundário no Minho, no Colégio das Caldeiras (jesuítas), e licenciou-se em Engenharia Agronómica no ISA. Foi presidente da sua Associação de Estudantes em 1956/57, “o primeiro de esquerda”, diz ao PÚBLICO. Participou nas Reuniões Inter-Associações (RIA), centro nevrálgico do movimento estudantil. Em 1957, está na primeira linha da luta contra o Decreto 40.900 que suprimia a autonomia das associações de estudantes. Na crise académica de 1962, Jorge Sampaio “requisita-o” para um grupo de conselheiros. Fará uma curta estadia na prisão de Caxias, com centenas de outros estudantes, depois da “greve da fome” na cantina da cidade universitária.

Outro percurso se cruza com este. Militante da Juventude Universitária Católica (JUC), será chefe de redacção do seu jornal (*Encontro*), presidente diocesano da JUC e, depois, presidente da Juventude Católica Portuguesa. É um dos actores da renovação do catolicismo – “os católicos progressistas” – nos anos 1960, próximo do grupo reunido em torno de António Alçada Baptista e de João Bénard da Costa, de onde nascerá a revista *O Tempo e o Modo*. Ao contrário da maioria dos “católicos progressistas”, não abandonará a militância católica. Em 1992, o cardeal D. António Ribeiro pede-lhe que colabore com a Fundação Fê e Cultura (hoje Fê e Cooperação).

“Transumância” académica
Que autores o influenciaram? Cita o padre Teilhard de Chardin e sobretudo escritores, de Dostoiévski a Graham Greene. Poetas, muitos. Com destaque para o brasileiro Jorge de Lima – deve

a iniciação ao seu amigo Paulo Rocha.

Portas é um cientista “dos solos e das raízes”. Um dos traços do seu CV é a “transumância”: ora em Portugal, ora no estrangeiro. Assistente do ISA em 1963-67, partirá para Angola, trocando a mobilização militar por uma “missão” científica. Nos Estados Unidos (1972-73) ou no Canadá (1978-79), escolhe universidades onde há centros de ponta e investigadores próximos do seu objecto de estudo. Não cessará a sua colaboração com os investigadores mais avançados, sobretudo no quadro da ISHS. Um deles, o andaluz Luís Rallo, especialista do olival, falará na homenagem.

Faz o doutoramento no ISA, em 1971 – o primeiro em Engenharia Agronómica realizado em Portugal. Até então, o acesso à cátedra dispensava o doutoramento e era feito por cooptação entre os professores agregados. Regressado de Luanda, ensina e

investiga na Universidade de Évora (1973-82), em cuja “restauração” tem um papel central. Encerra a vida académica na escola de origem: professor catedrático do ISA entre 1983 e 2003, data em que se jubila. Frisa que uma das suas prioridades foi a orientação de doutoramentos e mestrados, o esforço para consolidar uma escola.

Seguindo a linha anglo-saxónica, Portas frisa que a Horticultura “não é apenas a hortalica” – engloba a vinicultura, a fruticultura, a horticultura herbácea e as plantas ornamentais. Não é um preciosismo. Foi uma ruptura com a tradição agronómica portuguesa, que ele impôs no ISA. Conta uma aneddot. Como a batata não pertencia à horticultura e era desprezada no ensino das culturas arvenses, ele nunca teve uma única aula sobre uma das culturas economicamente mais importantes em Portugal...

Do mesmo modo, forçou a criação de uma disciplina decisiva, “sistemas de agricultura” – a abordagem da produção tendo em conta todas as variáveis, do solo ao clima, da mão-de-obra aos mercados. É uma abordagem vital na era da globalização. A Nova Zelândia tem as condições ideais para a criação de cordeiros e borregos, mas também um mercado imenso: o mundo muçulmano que não come porco. Os Açores, dado o clima e a água, são a única região portuguesa que pode produzir leite barato. Os ingleses tiveram um papel pioneiro nesta visão global.

Revolução e democracia

Com o 25 de Abril, a vida muda. Carlos Portas, que sempre considerara necessária uma reforma agrária no Alentejo, assiste ao movimento de ocupação das terras segundo um “modelo colectivista utópico”. Em Setembro de 1976, no primeiro Governo constitucional, de Mário Soares, António Barreto assume a pasta da Agricultura,

O problema do Alentejo era o êxodo da população e não as crises de trabalho. Até à expansão do regadio, “perderam-se décadas”

na dramática e virulenta fase final da Reforma Agrária. Carlos Portas é o secretário de Estado da Estruturação Agrária. A história deste período e da virulenta contestação da “lei Barreto” é conhecida.

Saído do governo, o agrónomo inicia uma fase de intensa actividade em instituições públicas, na cooperação entre a universidade e as empresas, na inovação tecnológica. Tem especial orgulho do que fez enquanto presidente do Instituto Nacional de Investigação Agrária (INIA), criando o Instituto de Tecnologia Química e Biológica e o Instituto de Biologia Experimental Tecnológica (IBET), este associando Estado e empresas, embora depois nem tudo tenha corrido como gostaria. Durante os mandatos presidenciais de Jorge Sampaio – que estará na homenagem – foi seu consultor para a Agricultura. Exerceu funções autárquicas e foi presidente da Comissão de

NUNO FERREIRA SANTOS

